

EDUCAÇÃO MUSICAL PARA CRIANÇAS DA ETNIA MAGUTA NO ALTO SOLIMÕES

Maguta ethnic children musical education in Solimões River Region

Jeane Colares da Silva, jeane.colares@ifam.edu.br¹

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar o Projeto Aldeia da Música que está sendo implementado através da Extensão no Instituto Federal do Amazonas - Campus Tabatinga-AM. o qual visa oferecer Educação Musical a alunos da etnia Ticuna, na faixa etária de 6 a 12 anos, com aulas de musicalização infantil, canto coral e violino, com início em março de 2014. O povo Ticuna do Alto Solimões possui suas características e valores, porém a que mais nos sobressaltou a atenção foi a determinação. Atuar na tríplice fronteira Brasil, Peru e Colômbia, como violinista e educador musical, permite-nos perceber que a realidade daqui é algo singular por apresentar especificidades tão relevantes e importantes, tanto de povos tradicionais quanto povos “não tradicionais”. Neste artigo, pretendemos demonstrar a relação ensino-aprendizagem e a música que ora estamos trabalhando em nosso Campus, buscando objetivamente transmitir nossos conhecimentos técnicos e científicos e levando em consideração que o trabalho com educação escolar indígena é uma região de fronteira de conhecimentos. Por fim, estamos em busca do instrumental musical e científico que estão presentes na música indígena e na arte em geral. Como resultado final, buscamos dar início ao funcionamento da primeira Orquestra de Câmara do Povo Ticuna. Para isso, o projeto propõe o ensino de nossa música tradicional, totalmente de cunho erudito como mais um elemento de aprendizagem da cultura externa, sem interferir na sua cultura tão original.

Palavras chave: Educação Indígena. Musicalização. Ticuna. Maguta. Cultura.

Abstract: *The aim of this paper is to present the Music Village Project that we are implementing through the Outreach Scholarship Program at the Federal Institute of Amazonas - Tabatinga Campus-Amazonas, which aims to provide music education to the Ticuna ethnic students group, aged from 6 to 12, with music classes for children, choral singing and violin, which has started in March 2014. The upper Amazon Ticuna students have their characteristics and values but we devoted more attention in their determination. We have been working in the triple border constituted of Brazil, Peru and Colombia. As a violinist and music educator, we have the sensibility to realize that the reality here is something unique and presents specific, relevant and important characteristics, for traditional and non-traditional peoples. In this article, we intend to demonstrate the teaching-learning relationship and the music that we are now working on our campus, looking objectively to convey our technical and scientific knowledge and taking into account that working with indigenous education is a “knowledge border region”. Finally, we are in search of musical and scientific instruments that are present in the indigenous music and art in general. As a result, we seek to initiate the composition of the first Ticuna Chamber Orchestra. For this, we propose in the project our traditional music teaching, fully scholar in nature as one more element on learning a foreign culture, without interfering in its uniqueness.*

Keywords: *Indigenous Education. Musicalization. Ticuna. Maguta. Culture.*

¹Violinista, Professora de Artes no IFAM- Campus Tabatinga. Graduada em Educação Artística, com Habilitação em Música pela Universidade Federal do Amazonas. Especialização Projeja Indígena na modalidade EAD (cursando) - IFAM. Mestranda em Educação Agrícola pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.



INTRODUÇÃO

Falar de música é muito simples. Falar do quanto ela vale, também. Mas, fazer música, qualificar-se e fazer música de qualidade requer tempo, habilidade, determinação e organização. Todas as características que temos visto nesse povo daqui de nossa região.

Durante séculos, os Ticunas têm nutrido seus valores, suas crenças, suas artes, e têm dado demonstração de uma evolução muito além da fronteira da tecnologia: evolução intelectual. O povo Ticuna tem demonstrado que, para estar atualizado com o novo tempo tecnológico e intelectual, não é necessário abrir mão de uma cultura firme, forte e duradoura. Demonstram isso, mantendo a sua língua materna, suas danças, suas pinturas e suas músicas.

O povo Ticuna (originalmente Maguta) encontra-se na região do Alto Solimões no Município de Tabatinga, com uma população em torno de 14.000 almas no extremo oeste do Estado do Amazonas, na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru (FERRANI, 2013). Com todas essas especificações, é imprescindível notar que há uma enorme diversidade cultural envolvida em nosso trabalho e que, em hipótese alguma, deve ou poderá ser ignorada. Em primeiro lugar, a questão muito latente que tanto encanta quanto incomoda é a língua.

Ao longo de muitos anos de estudos, cada vez mais vem se aprimorando pressupostos teóricos a respeito da importância da música na vida do ser humano, principalmente no seu poder de alcance do subconsciente e dos resultados a partir deste princípio. Por isso, o presente trabalho busca utilizar a música, como fonte facilitadora do processo de aprendizagem.

Em nossa primeira experiência com o Curso Técnico em Agropecuária – modalidade Projeja Indígena, ao iniciar as atividades referentes à disciplina Artes, nossa primeira atitude foi conhecer aspectos relativos à música e

dança daquela etnia, com a intenção de propor um planejamento pedagógico. Como resultado da metodologia aplicada, pela formação de grupos, tivemos contato com a música típica, com aspectos muito comuns, que assim foram analisados: todos tratavam da mitologia do seu povo, todas possuíam o mesmo pulso, apesar de andamentos contrastantes e com influências principalmente da música andina, representados aqui, pelos povos Peruanos e Colombianos. Também foi observado que a dança é formada por elementos corporais, representando os movimentos do dia-a-dia de trabalho, que desenvolvem movimentos relativos à pesca, à caça e aos diversos movimentos dos vários produtos da agricultura bem como atividades caseiras. Com base nessas breves observações, todos os nossos conceitos e pressupostos teóricos ficaram com uma imensa interrogação: quem afinal é o Povo Ticuna? E, sem dúvida, como ele, o povo, relaciona-se com a arte de forma natural, sem as típicas barreiras conceituais, presentes na nossa formação, dita branca?

METODOLOGIA APLICADA

Nossa proposta leva em conta a musicalização como processo de desenvolvimento das percepções auditivas, visuais, o tato e outros sentidos. Iniciamos esse processo através do canto de canções que utilizam o sistema tonal. Primeiramente, não foi percebida nenhuma dificuldade nesta percepção, o que facilita muito o trabalho. O desafio surgiu quando passamos a procurar ouvir a típica música



Figura 1: Foto de Jorge Machado

daquele povo. O sistema tonal ocidental utiliza três principais bases de construção: a tônica, a mediana e a dominante, que correspondem ao 1º, 3º e 5º graus de uma escala. Mas, verificamos que o principal grau em suas músicas é o 4º, a subdominante, o famoso e conflitante trítone. Para eles, não há nenhuma dificuldade na execução desse intervalo, além da constante presença das segundas, maiores ou menores.

É claro que, como programa nacional de ensino de música, é necessário o uso do sistema tonal, mas teremos que desenvolver uma metodologia que utilize os padrões musicais daquele povo. Nosso maior desafio é buscar uma metodologia onde haja facilidade para o aluno compreender a música como processo técnico, tendo como base a sua forma natural de vida. Podemos afirmar ser essa uma preocupação constante. Ao observar essas perspectivas, temos trabalhado a música como instrumento primeiramente de reconhecimento enquanto humano, além da interação com o mundo da arte de um povo, e o mundo considerado como universal. Buscar a sonoridade que é vivida pelas crianças ticunas nos leva a entender que há muito mais o que aprender do que ensinar.

As crianças recebem merenda, transporte e uniforme escolar, porém não podemos deixar de relatar que não possuem instrumentos. Há apenas dois instrumentos de minha propriedade. As aulas só ocorrem as quintas e sextas, uma vez no instituto, outra vez em uma escola estadual na aldeia. Mas, esse difícil acesso ao instrumento aparentemente não faz diferença. As crianças demonstram, além de um elevado



Figura 2: Foto de Jorge Machado

grau de interesse (bem acima do comum, dos alunos do IF), uma capacidade de apreensão dos conteúdos e o que mais nos surpreende, da técnica.

Foi sugerido às crianças que, por não possuírem violinos, fossem improvisados arcos, feitos de galhos de árvores, do seu próprio quintal. Dessa forma, poderiam trabalhar a tão complicada técnica do arco, como se fosse um brinquedo do dia-a-dia. Esperamos o resultado. E ficamos muito impressionados com a destreza, leveza e a compreensão de que não é pressão que se usa nem força, mas forma e peso corretos, em suma, técnica. Concluindo em forma de relato, as técnicas de canto foram utilizadas para preparar para a prática de solfejo, utilizando canções do sistema tonal, com uso da escala musical. Foi aí que percebemos a maior dificuldade: a pronúncia em língua portuguesa, mesmo com grande interesse e dedicação demonstrados. Utilizamos, então, a ferramenta tradução e transliteração, através de uma jovem de 15 anos que sonha em ser parte dessa cultura conhecida entre





Figura 3: Foto de Jorge Machado



Figura 4: Foto de Jorge Machado

eles como “civilizada”, mas que entende seu valor enquanto cultura indígena. Juntamente com as crianças, foram sugeridas expressões na língua materna que se encaixavam na canção que agora cantam com todo orgulho, em língua portuguesa e língua ticuna (conhecida entre eles como gíria).

DESCRIÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS

Iniciamos nosso estudo em agosto de 2013, através de uma oficina de iniciação ao violino, com alunos que se deslocavam de sua comunidade para as salas de aula do Instituto Federal, no município de Tabatinga no Amazonas. A surpresa foi enorme. Em nossa prática pedagógica de quase trinta anos como professora de violino, especificamente, temos alguns costumes e porque não dizer, alguns “maces”, para identificar a questão da aptidão. Assombrou-nos a facilidade para a compreensão das difíceis técnicas que envolvem a execução do instrumento. Desde então iniciamos o processo de construção do projeto. Em março de 2014, efetivamente, começou o Projeto Aldeia da Música. Em nosso projeto pedagógico, há o ensino da notação musical, com a musicalização, canto coral e violino, utilizando o processo de verificação do desenvolvimento motor da criança.

Extrapolando as observações, verificamos que, através da música, todos, desde as crianças aos mais idosos, apresentam uma compreensão fenomenal de vozes não comuns e, dentro de uma simetria de perfeição a olhos e ouvidos não tão cautelosos com os dos conhecedores da métrica ou mesmo dos estudiosos, chegam a beirar a genialidade.

São muitos os fenômenos, mas vejo que tudo isso se dá de uma forma muito intrigante, pela maneira, ou o modo, o entendimento que eles possuem quando exercem os esclarecimentos em seu próprio idioma, parece que todas as coisas, no sentido dos fenômenos pelo menos da música, já eram do domínio daquela gente.

Notamos isso quando é solicitado para demonstrarem suas compreensões acerca de algum fato ou fenômeno. Após as explicações e tradução para seu idioma, as dúvidas são reveladas e, em seguida, eles realizam os exercícios e ou qualquer tarefa com precisão inexprimível e com muitíssima habilidade, como se já compreendessem o que estava sendo ministrado.

Acredito que a música é e será o instrumento para alguns viabilizarem um relacionamento mais estreito entre nós, pois eles, os Magutas, possuem uma compreensão da vida pela música fora de certos referenciais e isso pode vir a proporcionar uma compreensão maior dos costumes, do idioma e de todas as manifestações culturais daquela etnia e do seu povo tão singular, que acredito não ter tido nenhum acesso a escolas, de nenhuma parte da história dos demais povos.

Estamos olhando a vida desse povo como um enorme campo, provavelmente até inesgotável, de riqueza cultural e material a ser conhecido, para que possamos quiçá conhecer a nossa própria existência. Como cidadãos desse espaço, certamente não podemos execrar todo esse patrimônio de um povo, nem muito menos deixar ao descaso, principalmente quando sabemos que eles são o princípio da nossa melodia, chamada vida.

BASES CONCEITUAIS

A educação musical no Brasil, historicamente, obedece a padrões estabelecidos na Europa, o sistema tonal da notação e teoria musical, como bem descreve Penna (2008) em sua obra *Música (s) e seu ensino*. Ao se propor o ensino de música ou um programa de Educação Musical dentro de uma sociedade tradicional como a do povo Ticuna, há de se levar em conta não só as questões relativas ao ensino de música mas também ao ensino da Educação Indígena.

Educação Indígena, como qualquer outra sociedade organizada ou não, está além de

conceitos e pressupostos de entendimentos acadêmicos ou sistemáticos. Está em toda a sua plenitude de vida. Em sua forma de relacionamento com sua sociedade e comunidade, sua família e consigo mesma. Os valores morais e culturais são adquiridos, e, na maioria das vezes, transmitidos oralmente de geração em geração. E assim, o indivíduo indígena localiza-se no tempo e no espaço e adquire sua educação plena.

A educação escolar indígena, referindo-se ao programa escolar, a meu ver de forma muito equivocada, é aquela que vai obedecer a padrões sistemáticos, visando ao cumprimento de matrizes curriculares para o exercício profissional. Quando me refiro ao equívoco, é que nossas matrizes curriculares ainda estão nos padrões que nos foram impostos pelos invasores europeus. Primeiramente, o índio ou nativo tinha que renunciar suas crenças e adotar as crenças de outros povos, os dominadores, depois tinham que aprender uma nova língua (desaprender a sua), perdendo sua identidade e depois cumprir todas as normas de outras sociedades. Pergunto, isso mudou? Nossos currículos ainda não contemplam a sabedoria dos povos indígenas. Ainda não consideramos ciências o que vem sendo usado por eles há milênios, enquanto nós ainda não temos nem 600 anos de existência.

Quando analisamos o RCNEI (Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas), vimos que os direitos defendidos na constituição nos leva ao caminho da pesquisa. Primeiramente estabelece a escola bilíngue, o ensino da língua materna, multicultural e diferenciada.

Ainda nesse Artigo, está definido que os programas terão como objetivos:

“1º, fortalecer as práticas socioculturais e a língua materna de cada comunidade indígena; 2º, manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas; 3º, desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas



comunidades; e 4º, elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado”. (BRASIL, RCNEI, 2005, p. 33 – 2.3.3).

A questão da escola diferenciada nos chama atenção, pois, quando tratamos do ensino de música, estamos falando de uma forma de ensino e de aprendizagem também diferenciados. A música é uma modalidade artística que exige muita percepção. Com essa afirmativa, não poderia deixar de levar em conta a vivência de mundo do aluno de música. Sendo a música um objeto de estudo derivado do estudo do som, fenômeno típico de estudo da física, não há como não se levar em conta a forma que o aluno ouve e vive seu mundo.

Não temos a pretensão de tratar de forma muito simplista a questão da diferença. Sabemos que envolve muitos pressupostos e há muito que se considerar, faremos apenas uma abordagem com a música na escola, e escola indígena.

PRIMEIROS RESULTADOS

A busca pela formação escolar diferenciada tende a ser constante. Vimos que é necessário mergulhar em entendimentos culturais, o que demanda muito tempo e dedicação. Buscamos, assim, uma metodologia que proporcione conhecimento, que seja suficiente para

entendimentos dos signos utilizados por uma arte dita como universal: a música.

Em relação à identidade étnica, podemos afirmar ser essa uma preocupação constante. Ao observar essas perspectivas, temos trabalhado o ensino de música como instrumento primeiramente de reconhecimento enquanto ente humano. A interação com o mundo da arte de um povo, e o mundo considerado como universal. Buscar a sonoridade que é vivida pelas crianças ticunas nos leva a entender que há muito mais o que aprender do que ensinar.

No momento, estamos colhendo muitos frutos a tempo que ainda pensávamos estar plantando. Em depoimento, uma mãe Ticuna falando de sua filha, foi ao instituto para agradecer o grande bem que sua filha de 9 anos está recebendo. Ela afirmou que a menina não precisa ser lembrada e muito menos obrigada a ir às aulas. Ela acorda muito cedo e sozinha se arruma e fica, desde às 5 horas da manhã, esperando o transporte que só chega às 8 h e 15 min, para iniciar as aulas às 9 horas.

Atualmente, contamos com 17 crianças que realizam a prática de canto coral, já com algumas apresentações públicas do Coral Infantil Ticuna de Tabatinga. Os alunos já conhecem a técnica de arco, as primeiras notas de canções ticunas no violino e um lindo grupo de dança tradicional.



Figura 5: IV Semana de Extensão - 2014

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Campus em Tabatinga possui um público extremamente rico e evidente em sua diversidade cultural que precisa ser levado em consideração sempre que se pretenda implementar algum projeto de intervenção local. Dessa forma, percebemos que o Projeto Aldeia da Música, ao propiciar a inclusão dos povos indígenas e o fortalecimento de culturas tradicionais, contribui substantivamente para o cumprimento da missão institucional.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Educação dos Sentidos e mais...* 6ª ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Brasília: MEC | SEF, 2005.

FERRARINI, Sebastião Antônio. *Encontro de Civilizações – Alto Solimões e as Origens de Tabatinga*. Manaus: Editora Valer, 2013.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. Ferraz; FUSARI, Maria, F. de Rezende. *Metodologia do Ensino de Arte*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999. (Coleção Magistério. 2º Grau. Série Formação do Professor).

GRUBER, Jussara Gomes. *Projeto Educação Ticuna: arte e formação de professores indígenas*. Em Aberto, Brasília. V. 20 n. 76. P. 130-142, fev. 2003.

KIEFER, Bruno. *História da Música Brasileira. Dos Primórdios ao Início do Século XX*. 4ª ed. Porto Alegre: Movimento, 1977.

SILVA, Aracy Lopes da. *Uma “Antropologia da Educação” no Brasil? Reflexões a partir da escolarização indígena*. Antropologia, His-

tória e Educação. São Paulo: Global, 2001.

MELIÀ, Bartomeu. *Educação Indígena na Escola*. Cadernos Cedes, ano XIX, no 49, Dezembro/99. I Congresso Internacional de Educação Indígena. Dourados, MT.

PENNA, Maura. *Música (s) e seu Ensino*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

SANTOS, Miriam de Oliveira. *A Noção de Identidade e seu Uso nos Estudos Migratórios*. Aprofundamentos. Rev. Inter. Mob. Hum., Brasília, Ano XVIII, Nº 34, p. 27-43, jan./jun. 201028

